

C R A V E
A
M A R C A
V E R O N I C A
R O T H

TRADUÇÃO DE
PETÊ RISSATTI

ROCCO
JOVENS LEITORES

CAPÍTULO 7 | CYRA

A PRIMEIRA VEZ que vi os irmãos Kereseth foi pela passagem de criados que corria paralela à Sala de Armas. Eu era várias estações mais velha, quase próxima da fase adulta.

Meu pai havia se juntado à minha mãe na vida pós-morte poucas estações antes, morto em um ataque durante nossa última temporada. Meu irmão Ryzek trilhava o caminho que nosso pai havia definido para ele, o caminho para a legitimidade dos shotet. Talvez até para o domínio shotet.

Otega foi a primeira a me contar sobre os Kereseth, pois os serviçais em nossa casa estavam sussurrando a história entre painéis e frigideiras na cozinha, e ela sempre me contava os boatos dos serviçais.

– Foram trazidos pelo intendente de seu irmão, Vas – disse ela para mim enquanto verificava erros gramaticais no meu ensaio. Ainda me dava aulas de literatura e ciências, mas eu a havia superado em muitas outras matérias, e estudava sozinha, enquanto ela voltava a supervisionar nossas cozinhas.

– Pensei que Ryzek tivesse enviado soldados para capturar a oráculo. A mais velha – falei.

– E mandou – confirmou Otega. – Mas a oráculo se matou durante a luta para evitar a captura. De qualquer forma, em vez disso, Vas e seus homens receberam a missão de ir atrás dos irmãos Kereseth. Vas arrastou-os pela Divisão, chutando e gritando, foi o que ouvi dizer dos outros. Mas o mais jovem, Akos, conseguiu escapar das algemas, roubou uma espada e usou contra um dos soldados de Vas. E o matou.

– Qual deles? – perguntei. Sabia com quais homens Vas viajava. Sabia como um gostava de doces, outro tinha um ombro esquerdo fraco e outro ainda havia treinado um pássaro de estimação para comer petiscos direto de sua boca. Era bom saber essas coisas das pessoas. Por via das dúvidas.

– Kalmev Radix.

Ah, o que amava doces.

Ergui as sobrancelhas. Kalmev Radix, um dos soldados de elite de confiança de meu irmão, foi morto por um garoto thuvhesita? Não era uma morte honrosa.

– Por que os irmãos foram raptados? – perguntei.

– Suas fortunas. – Otega agitou as sobrancelhas. – Ou assim diz a história. E como suas fortunas são, obviamente, conhecidas apenas por Ryzek, a história acaba aqui.

Eu não conhecia as fortunas dos garotos Kereseth nem nenhuma outra além da minha e a de Ryzek, embora tivessem sido divulgadas poucos dias antes no canal de notícias da Assembleia. Ryzek ordenou a interrupção do canal de notícias poucos momentos depois de o líder da Assembleia ter aparecido na tela. O líder da Assembleia fez o anúncio em othyriano, e, embora fosse proibido falar e aprender outros idiomas em nosso país que não fossem a língua shotet há mais de dez estações, era melhor não arriscar.

Meu pai me contou sobre a minha fortuna só depois de o meu dom-da-corrente ter se manifestado, e com pouca cerimônia: *A segunda criança da família Noavek cruzará a Divisão*. Uma fortuna estranha para uma filha afortunada, mas apenas porque isso era muito estúpido.

Eu não perambulava mais com frequência pelas passagens dos serviçais – havia coisas acontecendo em casa que eu não queria ver –, mas dar uma olhada nos Kereseth sequestrados... bem. Eu precisei abrir uma exceção.

Tudo que eu sabia sobre o povo thuvhesita – além do fato de que eram nossos inimigos – era que tinham pele fina, fácil de perfurar com uma lâmina, e se refestelavam nas flores-dogelo, a seiva vital de sua economia. Aprendi a língua deles por insistência de minha mãe – a elite shotet ficava isenta das proibições de meu pai quanto ao aprendizado de idiomas,

claro — e era difícil para minha língua, acostumada aos sons ríspidos e fortes do shotet, pronunciar os sons rápidos e sussurrados do thuvhesita.

Sabia que Ryzek ordenaria que levassem os Kereseth para a Sala de Armas, então me agachei nas sombras e deslizei o painel de parede para trás, abrindo apenas uma fresta para enxergar, quando ouvi passos.

A sala era como todas as outras na mansão Noavek, as paredes e o chão feitos de madeira escura tão polida que pareciam cobertos por uma película de gelo. Pendendo do teto alto ficava um candelabro elaborado, feito de globos de vidro e metal torcido. Pequenos insetos fenzu flutuavam dentro dele, banhando a sala com uma luz misteriosa e tremeluzente. O espaço estava quase vazio, as almofadas — equilibradas sobre banquetas baixas de madeira para dar conforto — juntavam poeira, então sua coloração creme tinha virado cinza. Meus pais davam festas naquela sala, mas Ryzek a usava apenas com pessoas que ele pretendia intimidar.

Avistei Vas antes de qualquer outro. A lateral longa de seus cabelos estava engordurada e murcha. A parte raspada estava vermelha, irritada pelo atrito da navalha. Ao lado dele, um garoto, muito menor do que eu, andava arrastando os pés, sua pele toda manchada de escoriações. Tinha ombros estreitos, era magro e baixo. Tinha a pele clara, e um tipo de

tensão desconfiada no corpo, como se estivesse se preparando para algo.

Soluços abafados vieram detrás dele, quando um segundo garoto, com cabelos densos, encaracolados, entrou aos tropeços. Era mais alto e mais largo do que o primeiro Kereseth, mas encolhido quase parecia menor.

Aqueles eram os irmãos Kereseth, os filhos afortunados de sua geração. Não era uma visão impressionante.

Meu irmão esperava por eles do outro lado da sala, seu corpo longilíneo estendido sobre os degraus que levavam a uma plataforma elevada. Usava uma armadura no peito, mas os braços estavam à mostra, exibindo uma fileira de marcas de assassinio que subiam do pulso até o cotovelo. Foram as mortes ordenadas pelo meu pai para neutralizar quaisquer rumores sobre a fraqueza de meu irmão que poderiam ter sido espalhados entre as classes mais baixas. Ele segurava uma pequena lâmina-da-corrente na mão direita, e poucos segundos depois a girava novamente na palma da mão, sempre agarrando-a pelo cabo. À luz azulada, sua pele ficava tão pálida que quase parecia a de um cadáver.

Sorriu até mostrar os dentes quando viu seus cativos thuvhesitas. Ficava bonito quando sorria, meu irmão, mesmo quando o sorriso significava que estava prestes a matar alguém.

Ele se reclinou, balançando os cotovelos, e inclinou a cabeça.

– Ai, ai – disse ele. A voz era grave e rouca, como se tivesse passado a noite gritando a plenos pulmões. – Foi *sobre este aqui* que ouvi tantas histórias? – Ryzek meneou a cabeça para o garoto Kereseth escoriado. Ele falou em thuvhesita claro. – O garoto thuvhesita que ganhou uma marca antes mesmo de o enfiarmos dentro de uma nave? – Ele riu.

Olhei para o braço do escoriado. Havia um corte profundo nele, na parte macia do braço pouco abaixo do cotovelo, e um risco de sangue seco escorrido pelo pulso e entre os dedos. Uma marca de assassinio, incompleta. Uma bem nova que pertencia, se os rumores fossem verdadeiros, a Kalmev Radix. Esse era Akos, então, e o choroso era Eijeh.

– Akos Kereseth, terceiro filho da família Kereseth. – Ryzek levantou-se, girando a faca na palma da mão, e desceu os degraus. Fazia até Vas parecer baixo. Era como um homem de tamanho regular esticado, mais alto e mais fino do que deveria ser, os ombros e quadris estreitos demais para aguentar seu tamanho.

Eu era alta também, mas as semelhanças físicas com meu irmão terminavam aí. Não era incomum que irmãos shotet fossem diferentes, devido à mistura de nosso sangue, mas éramos mais diferentes do que a maioria. O garoto – Akos – ergueu os olhos para fitar os de Ryzek.

A primeira vez que vi o nome “Akos” foi num livro de histórias shotet. Pertencia a um líder religioso, um clérigo que tirou a própria vida em vez de desonrar a corrente portando uma lâmina-da-corrente. Então, esse garoto thuvhesita tinha um nome shotet. Seus pais simplesmente esqueceram suas origens? Ou quiseram honrar alguma linhagem shotet esquecida muito tempo antes?

– Por que estamos aqui? – perguntou Akos, rouco, em shotet.

O sorriso de Ryzek apenas se alargou.

– Vejo que os rumores são verdadeiros... você *sabe* falar a língua reveladora. Que fascinante. Fico me perguntando como conseguiu seu sangue shotet. – Ele empurrou o canto do olho de Akos, na escoriação que havia ali, fazendo-o se retorcer. – Pelo visto, você recebeu uma bela punição por assassinar um de meus soldados. Suponho que suas costelas estejam prejudicadas.

Ryzek encolheu-se um pouco enquanto falava. Apenas alguém que o conhecia tanto quanto eu podia perceber, disso eu tinha certeza. Ryzek odiava ver a dor, não por empatia pela pessoa que sofria, mas porque não gostava de lembrar que aquela dor existia, que ele era tão vulnerável quanto qualquer outra pessoa.

– Quase tivemos que carregá-lo até aqui – disse Vas. – Tivemos que arrastá-lo para dentro da nave.

– Em geral, você não sobreviveria ao gesto desafiador de matar um de meus soldados – continuou Ryzek, falando com Akos como se ele fosse uma criança. – Mas sua fortuna é morrer servindo a família Noavek, morrer *me* servindo, e antes eu prefiro aproveitar você durante algumas estações, entende?

Akos estava tenso desde que botei os olhos nele. Enquanto observava, era como se toda a sua dureza houvesse derretido, fazendo com que parecesse tão vulnerável quanto uma criancinha. Os dedos estavam dobrados, mas não em forma de punho. Passivamente, como se estivesse dormindo.

Eu acho que nem ele sabia a sua fortuna.

– Isso não é verdade – retrucou Akos, como se estivesse esperando que Ryzek o tranquilizasse de seu medo. Reprimi uma dor aguda na barriga com a palma da mão.

– Ah, tenho certeza de que é. Quer que eu leia a transcrição do anúncio? – Ryzek pegou um pedaço de papel quadrado do bolso de trás da calça; tinha vindo a esta audiência preparado para causar um estrago emocional, pelo visto. Leu o papel. Akos estava tremendo.

– A terceira criança da família Kereseth – leu Ryzek em othyriano, a língua mais comum da galáxia. De alguma forma, ouvir a fortuna no idioma em que foi anunciada fazia com que parecesse mais real para mim. Imaginei se Akos,

estremecendo a cada sílaba, sentia o mesmo. – Morrerá a serviço da família Noavek.

Ryzek deixou o papel cair no chão. Akos agarrou-o com tanta rapidez que quase o rasgou. Ficou agachado enquanto o lia várias vezes, como se ao relê-lo pudesse mudar as palavras. Como se sua morte, e seus serviços a nossa família, não fossem predeterminados.

– Não vai acontecer – disse Akos, mais firme dessa vez, quando levantou. – Eu prefiro... eu prefiro *morrer* a...

– Ah, não acho que seja verdade – disse Ryzek, abaixando a voz até quase virar um sussurro. Ele se curvou para ficar próximo do rosto de Akos. Os dedos do garoto abriram buracos no papel, embora o resto do corpo estivesse parado. – Sei como ficam as pessoas quando desejam morrer. Eu mesmo levei várias a esse ponto. E você ainda está muito desesperado pela sobrevivência.

Akos suspirou, e seus olhos encontraram os de meu irmão com uma firmeza renovada.

– Meu irmão não tem nada a ver com você. Não tem nenhuma reivindicação sobre ele. Deixe-o ir, e eu... e eu não causarei nenhum problema para você.

– Parece que você fez várias suposições incorretas do motivo por que você e seu irmão estão aqui – disse Ryzek. – Não cruzamos a Divisão, como você acreditava, apenas para acele-

rar sua fortuna. Seu irmão não é o ônus inevitável; *você* é. Fomos à procura dele.

– *Você* não cruzou a Divisão – retrucou Akos. – Ficou aqui sentado e deixou que seus lacaios fizessem tudo por você.

Ryzek virou-se e foi até o topo da plataforma. A parede acima estava coberta de armas de todos os tamanhos e formas. Eram lâminas-da-corrente, na maioria, tão longas quanto meu braço. Ele selecionou uma faca larga e grossa com cabo sólido, como um cutelo de açougueiro.

– Seu irmão tem uma fortuna especial – disse Ryzek, olhando para a faca. – Imagino que, como você não sabia sua fortuna, não sabe a dele também.

Ryzek sorriu do jeito que sempre fazia quando sabia de algo que outras pessoas desconheciam.

– Ver o futuro da galáxia – recitou Ryzek, em shotet dessa vez. – Em outras palavras, ser o próximo oráculo deste planeta.

Akos ficou em silêncio.

Eu me afastei da fresta na parede, fechando os olhos para evitar a luz e conseguir pensar.

Para meu irmão e meu pai, cada temporada desde a juventude de Ryzek havia sido uma busca por um oráculo, e cada busca havia sido em vão. Provavelmente porque era quase impossível capturar alguém que soubesse que você estava

a caminho. Ou alguém que pudesse confiar em uma lâmina para evitar a captura, como a oráculo mais velha confiou na mesma invasão que havia trazido os Kereseth até ali.

Mas, finalmente, parecia que Ryzek encontrara uma solução: foi atrás de dois oráculos de uma vez. Uma evitou ser pega, morrendo. E o outro – esse Eijeh Kereseth – não sabia que era. Ainda era suave e maleável o suficiente para ser moldado pela crueldade dos Noavek.

Aproximei-me de novo da fresta para ouvir Eijeh falar, sua cabeça encaracolada inclinada para frente.

– Akos, o que ele está dizendo? – perguntou Eijeh em thuvhesita escorregadio, limpando o nariz com as costas da mão.

– Ele está dizendo que não foram a Thuvhe por minha causa – disse Akos sem olhar para trás. Era estranho ouvir alguém falar duas línguas de forma tão perfeita, sem sotaque. Eu invejei sua capacidade. – Eles foram por sua causa.

– Por minha causa? – Os olhos de Eijeh eram verde-claros. Uma cor incomum, como asas de inseto iridescentes, ou o fluxo-da-corrente após o período de Apagamento. Contra sua pele marrom clara, como a terra leitosa do planeta Zold, quase cintilavam. – Por quê?

– Porque você é o próximo oráculo deste planeta – disse Ryzek a Eijeh na língua materna do garoto, descendo da plataforma com a faca na mão. – Você verá o futuro, em todas as

suas muitas, muitas variações. E há uma variação em especial que desejo conhecer.

Uma sombra passou pelas costas da minha mão como um inseto, meu dom-da-corrente fazendo os nós de meus dedos doerem como se estivessem quebrando. Abafei um gemido. Sabia que futuro Ryzek queria: governar Thuvhe e Shotet, conquistar nossos inimigos, ser reconhecido como um líder mundial legítimo pela Assembleia. Mas essa fortuna pendia sobre ele de forma tão pesada como a de Akos, provavelmente dizendo que Ryzek cairia pelas mãos dos inimigos e não os governaria. Precisava de um oráculo se quisesse evitar esse fracasso. E agora tinha um.

Tanto quanto meu irmão, eu queria que Shotet fosse reconhecida como nação em vez de ser vista como uma série de arrivistas rebeldes. Então, por que a dor do meu dom-da-corrente – presente o tempo todo – estava aumentando a cada segundo?

– Eu... – Eijeh estava olhando a faca na mão de Ryzek. – Eu não sou um oráculo, nunca tive uma visão, não posso... talvez eu não possa...

Apertei novamente a barriga.

Ryzek balançou a faca na palma da mão e deu um tapinha para virá-la. Ela virou, movendo-se em um círculo. *Não, não, não*. Eu me peguei pensando, sem saber por quê.

Akos entrou no caminho entre Ryzek e Eijeh, como se pudesse parar meu irmão apenas com seu corpo.

Ryzek observou a faca girar enquanto avançava na direção de Eijeh.

– Então, você precisa aprender a ver o futuro logo – disse Ryzek. – Quero que descubra para mim a versão do futuro de que necessito e me diga o que preciso fazer para chegar até ele. Por que não começamos com uma versão do futuro em que Shotet, não Thuvhe, controla este planeta... hein?

Ele meneou a cabeça para Vas, que forçou Eijeh a ficar de joelhos. Ryzek pegou a lâmina pelo cabo e tocou o fio na cabeça de Eijeh, bem abaixo da orelha. Eijeh choramingou.

– Não posso... – disse Eijeh. – Não sei como invocar as visões, não...

E então Akos atacou meu irmão pela lateral. Não era grande o bastante para tombar Ryzek, mas ele foi pego desprevenido e caiu. Akos puxou o cotovelo para golpear – *estúpido*, pensei comigo –, mas Ryzek era rápido demais. Do chão, desferiu um chute para cima, acertando a barriga de Akos, em seguida, se levantou. Agarrou Akos pelos cabelos, erguendo a cabeça do garoto, e passou a lâmina da orelha até o queixo. Akos gritou.

Era um dos lugares preferidos de Ryzek ao cortar pessoas. Quando decidia deixar uma cicatriz em alguém, queria que ela fosse visível. Inevitável.

– Por favor – implorou Eijeh. – Por favor, não sei como fazer o que você está pedindo, por favor, não o machuque, não me machuque, por favor...

Ryzek encarou Akos de cima, que estava com as mãos no rosto, o pescoço lavado de sangue.

– Não conheço essa expressão thuvhesita, “por favor” – disse Ryzek.

Mais tarde, naquela noite, ouvi um grito ecoar nos corredores silenciosos da mansão Noavek. Sabia que não era de Akos – ele foi enviado ao nosso primo, Vakrez, para “engrossar a pele”, como disse Ryzek. Em vez disso, reconheci quando a voz de Eijeh se ergueu em uma demonstração de dor, enquanto meu irmão tentava arrancar o futuro de sua cabeça.

Sonhei com isso por muito tempo depois.

REINALDO CODDOU



VERONICA ROTH

é autora best-seller do *The New York Times* de *Divergente*, *Insurgente*, *Convergente* e *Quatro: Histórias da série Divergente*. Veronica Roth e seu marido moram em Chicago.

COPYRIGHT © 2017 BY VERONICA ROTH

visite o site da autora
www.veronicarothbooks.com

 [facebook/editorocco](https://facebook.com/editorocco)

 [editorocco](https://www.instagram.com/editorocco)

 twitter.com/editorocco